

Bom exemplo

ONTEM, em Bangcoc, o Ministro da Economia, observando que “o momento é muito interessante e preñado de oportunidades”, afirmou que “devemos passar agora para um alto astral”.

A CONTECE que as autoridades econômicas revelam em Brasília, neste momento, um estado de espírito menos fagueiro. Acham-se fundamentalmente empenhadas em encontrar fórmulas para atender a compromissos assumidos com o FMI: não apenas reduzir o déficit fiscal de 3% do PIB, mas obter-se, no próximo exercício, um superávit de 2,5% do PIB.

EVIDENTEMENTE trata-se de um objetivo inatingível por um país com a economia em recessão. O próprio Economista-Chefe do Bird, Marcelo Selowsky, reconheceu que “o déficit atual não é tão assustador”.

AQUILO que realmente assusta é que, no intuito de aumentar a arrecadação, a equipe econômica projeta, como se anuncia, uma “reforma de emergência para elevar de 30% para 70% a participação de pessoa física”, inclusive transferindo para os sócios das pequenas e médias empresas o pagamento do imposto delas, além de outras medidas, como a quebra do sigilo bancário das contas de contribuintes que estejam em dia com o fisco e prevendo até a decretação da indisponibilidade de bens na instância administrativa, antecipando-se a qualquer decisão judicial.

O TRINÔMIO do Presidente Collor não pode ser esquecido: modernização das instituições, retomada do desenvolvimento e resgate da dívida social.

COM base no pressuposto da manutenção desse compromisso nacional do Governo é que os nossos representantes junto ao FMI devem discutir, em termos realistas, sem confronto mas também sem embuste, as possibilidades concretas de o Brasil dar atendimento às exigências técnicas que lhe são apresentadas.

A UNIÃO Soviética nos dá, nesta hora, um bom exemplo, ao expor à comunidade financeira internacional a impossibilidade de se honrar a dívida externa ou garantir financiamentos à custa da desordem interna.